



ENSAIO¹

Do mundo que se explora ao mundo que se habita: cuidar como forma de existir²

Fabiano Incerti³

INTRODUÇÃO

Os compromissos do Pacto Educativo Global, proposto pelo Papa Francisco (*in* Dicastério [...], 2023), revelam a urgência de uma profunda reconfiguração da relação entre civilização e natureza, articulando o cuidado com a pessoa e com a Casa Comum⁴. O pontífice propõe uma transformação ética e cultural que vá além de soluções simplistas, convocando um processo plural e poliédrico de construção do bem comum, com base na

¹ O ensaio intitulado “Do mundo que se explora ao mundo que se habita: cuidar como forma de existir”, de autoria de Fabiano Incerti, foi produzido no contexto da segunda edição do Encontro Interdisciplinar do Observatório de Sustentabilidade para a Vida, organizado pelo Observatório de Sustentabilidade da Univille – composto por pesquisadores de todos os programas de pós-graduação *stricto sensu* da instituição e em níveis diversos de formação. O encontro caracteriza-se como parte metodológica do Observatório, um espaço no qual o diálogo interdisciplinar constitui exigência intrínseca. A clareza acerca dos marcos teóricos que sustentam as pesquisas sobre a temática *sustentabilidade* em cada um dos programas e as possibilidades de diálogos entre eles é um trabalho sistemático e constante desenvolvido no Observatório e, nessa segunda edição do encontro, ampliamos o diálogo para os pesquisadores externos, convidados de cada programa. O professor Incerti, convidado do Programa de Pós-Graduação em Educação, brindou-nos com seu provocador ensaio, convidando-nos à reflexão com o campo da Filosofia e colocando-nos diante da responsabilidade de coerência perante o gesto de habitar o mundo. Boa leitura! (Marli Teresinha Everling, Paulo Henrique Condeixa de França, Raquel Alvarenga Sena Venera).

² Este breve ensaio é um desdobramento do artigo publicado na *Revista de Filosofia Aurora*: CANDIDO, Douglas Borges; INCERTI, Fabiano. From explore to inhabit: postmodern ecosophic sensibility. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 36, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2965-1557.036.e202431983>.

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e pró-reitor de Missão, Identidade e Extensão da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

⁴ Na *Carta Encíclica Laudato Si*, o Papa Francisco (2015) utiliza o conceito de Casa Comum para descrever o planeta Terra não como um mero recurso econômico, mas como um lar compartilhado. Inspirado em Francisco de Assis, ele a define como mãe e irmã que acolhe, enfatizando que tudo no mundo está interligado. Para o pontífice, o cuidado com essa Casa exige uma ecologia integral, pois a degradação ambiental afeta diretamente os mais pobres, o que torna a preservação da vida um dever ético e intergeracional.

sobriedade, no uso responsável de recursos e em energias renováveis. A visão poliédrica, em oposição aos determinismos e fanatismos, pressupõe uma abordagem inclusiva e multidimensional, capaz de integrar saberes, culturas e experiências diversas. Essa perspectiva propõe uma nova episteme e uma ética do cuidado, na qual o diálogo e a colaboração substituem a lógica da uniformidade, reconhecendo a interdependência entre o humano e o natural.

Nesse sentido, a crise ecológica é também moral e social, pois a degradação ambiental reflete desigualdades e injustiças estruturais. A busca por uma convivência sustentável exige o reconhecimento dos limites do planeta e a redefinição dos paradigmas de desenvolvimento, superando a ideologia do crescimento ilimitado e do mercado autorregulador. Como alerta Walter Benjamin, é preciso acionar o “freio de emergência” (2020, p. 70) diante da “catástrofe” em curso. Assim, o desenvolvimento sustentável deve apoiar-se em políticas que considerem os recursos finitos da Terra e as necessidades humanas reais, instaurando uma ética planetária que una justiça social e justiça ambiental sob o signo do cuidado e da responsabilidade compartilhada.

CIVILIZAÇÃO E NATUREZA NA PROSA SEBALDIANA

Na terceira parte de *Os anéis de Saturno*, Sebald (2002) transforma a história da pesca predatória do arenque em uma poderosa metáfora a respeito do impacto destrutivo da civilização sobre a natureza. O colapso das populações de arenque, resultado da exploração excessiva, expõe a lógica técnica e calculista com que a humanidade trata o meio ambiente, convertendo abundância em escassez e vida em morte. Essa atitude predatória é posta em paralelo com a barbárie humana, como mostram as imagens do mercado de peixes de Lowestoft e do campo de concentração de Bergen-Belsen, sugerindo que a mesma racionalidade que aniquila a natureza também sustenta os genocídios. Desse modo, Sebald conduz o leitor a refletir sobre a repetição histórica das catástrofes e sobre a incapacidade da civilização de romper o ciclo de destruição e apagamento que ela própria produz.

Na prosa de Sebald, a natureza deixa de ser mero cenário para tornar-se personagem ativa que dialoga com a história humana. As paisagens devastadas, os campos que encobrem ruínas e as florestas que renascem sobre o trauma coletivo tornam-se metáforas da coexistência paradoxal entre destruição e regeneração. Nessa dialética, a natureza surge como testemunha e contraponto à efemeridade da civilização, portando uma força de resistência silenciosa diante da arrogância humana. O pessimismo e a melancolia de Sebald nascem, portanto, da consciência de que a imaginação – e não a razão – é o único meio de apreender a realidade. Conforme observa Coetzee (2007), Sebald não idealiza um retorno a uma idade de ouro perdida, mas submete os próprios conceitos de lar e lugar a um exame cético e desencantado, revelando o esgotamento das promessas modernas de progresso e pertencimento.

Mas é importante considerar que o projeto literário sebaldiano assume um caráter ético e crítico diante da razão instrumental e de seus efeitos sobre a vida e o planeta. Ao entrelaçar a devastação ambiental e as experiências de deslocamento e perda, Sebald denuncia a lógica do lucro e do crescimento ilimitado que destrói tanto culturas quanto ecossistemas. Seu olhar sensível sobre o detalhe – o “particular carregado de sentido” (Bueno, 2017) – atua como resistência à escala monumental das ideologias modernas, desvelando a falência da promessa iluminista de emancipação. A comparação entre a pesca artesanal, modesta e persistente, e a pesca industrial, devastadora e inútil, sintetiza sua crítica aos sistemas econômicos e políticos contemporâneos, que continuam a repetir, em diferentes escalas, a tragédia de um mundo que, como ele escreve, “está diminuindo” – esvaziado de natureza, de memória e de humanidade.

A CONFIGURAÇÃO DE UMA ÉTICA OUTRA: DA ECOLOGIA À ECOSOFIA

As respostas institucionais, embora necessárias, permanecem insuficientes diante da urgência de uma transformação mais profunda no modo de habitar o mundo. É nesse horizonte que Michel Maffesoli (2021) propõe a ecosofia, uma ética outra, sensível e comunitária, que busca reconectar o humano à sua Casa Comum. Na pós-modernidade emerge um novo regime de sensibilidade, caracterizado pelo deslocamento da razão planificadora para uma razão sensível e emocional.

Maffesoli identifica nesse movimento o “degelo” das emoções, o ressurgimento do corpo, do imaginário e do pertencimento afetivo. As chamadas *tribos pós-modernas* ilustram essa mutação: coletividades formadas por vínculos estéticos e emocionais, que valorizam o partilhamento e o espírito dionisíaco em oposição ao individualismo apolíneo da modernidade. Daí nasce uma ética fragmentária e contextual, não universalista, mas enraizada no cotidiano e nos vínculos locais – uma multiplicidade de “deontologias” que sinaliza não a decadência, mas a superação do paradigma moderno.

No centro desse processo está a ecosofia como sabedoria prática de habitar o mundo, e não de explorá-lo. Diferente da ecologia, voltada à análise científica dos ecossistemas, a ecosofia propõe um *ethos* integrador que une razão, emoção e espiritualidade (inspirado em tradições arcaicas e saberes indígenas). Ela reintroduz a natureza como *Gaia*, organismo vivo do qual fazemos parte, e não como objeto de apropriação. Esse reencantamento do mundo restitui valor ao que foi desqualificado pela modernidade e recorda nossa condição terrestre – o *humano* ligado ao *humus*. Ao reconhecer nossa animalidade constitutiva, a ecosofia evita sua degeneração em bestialidade, como advertiu Maffesoli, e oferece uma via ética que acolhe a ambivalência da vida. Trata-se, portanto, de uma ética do cuidado e da pertença, capaz de reconciliar o humano com a Terra e de instaurar um novo pacto sensível entre civilização e natureza.

CUIDAR DE SI PARA CUIDAR DO OUTRO E DO MUNDO

Em seu curso *A hermenêutica do sujeito*, pronunciado no Collège de France em 1982, Michel Foucault (2006) indica um ponto de inflexão ético fundamental para o pensamento ocidental: para governar os outros é preciso, antes de tudo, governar a si mesmo. É preciso cuidado sobre si mesmo. Desde uma leitura ética das práticas de si e da análise detalhada de autores clássicos como Epicteto, Plutarco, Marco Aurélio, Musonius Rufus, entre outros, ele mostra que a verdade exige do sujeito um preço a pagar, que é o de colocar em jogo seu ser. Trata-se sempre da ousadia de fazer de si o objeto da transformação, da mudança de olhar, da conversão. Mas como? A ascese (que certamente, na contemporaneidade, tem uma relação direta com a sobriedade proposta pelo Papa Francisco) é o que permite ao sujeito adquirir, de um lado, discursos verdadeiros de que se tem necessidade em todas as circunstâncias, acontecimentos e incidentes da vida e, por outro lado, é o que permite fazer de si mesmo sujeito desses discursos, tornando-se sujeito de veridicção. Trata-se, sobretudo, do constante exercício de conformidade entre o pensamento e a ação, fazendo com que a verdade retorne ao próprio sujeito, que, incorporando-a, se constitui em alguém capaz de ações retas.

Mas de maneira nenhuma o cuidado de si configura uma prática individualista ou de solidão; pelo contrário, refere-se a um conjunto de relações sociais bem arquitetadas. Por isso mesmo esse sujeito é, sobretudo, um cidadão do mundo, membro da comunidade humana. Tal compreensão não está desvinculada de um compromisso ético. Trata-se sempre de um convite a agir corretamente, como sujeitos verdadeiros

das próprias atitudes, pensamentos e decisões. Em razão disso ela é, por um lado, uma prática que expande a existência, pois não se trata de isolar-se do mundo, mas de participar plenamente dele. Entretanto é também uma atitude limitadora, por exigir o entendimento de como, onde e de que forma mais convém participar, levando em conta não apenas as próprias inclinações, mas a densidade das relações que sustentam a vida em comum.

Cuidar de si é, então, aprender a discernir o impacto das próprias escolhas sobre os outros e sobre a Casa Comum, compreendendo que a ética não se reduz a um código de deveres, mas pressupõe um estilo de atenção, um modo de se situar no mundo com lucidez, responsabilidade e abertura. Nesse horizonte, o exercício ascético converte-se numa prática de mundo: a arte de sustentar, nos gestos concretos, uma vida que não seja indiferente ao que a circunda e que saiba reconhecer, nos vínculos que a constituem, a medida mais profunda de sua própria verdade.

CONCLUSÃO

Habitar, mais do que explorar, é um gesto ontológico: é reconciliar-se com o próprio ato de existir no mundo. Nesse sentido, o habitar constitui a superação da lógica do domínio e a reinvenção de uma presença que se sabe finita, situada e em sintonia com todas as formas de vida. O pensamento de Foucault, Sebald e Maffesoli converge nesse ponto – na exigência de uma ética da imanência, em que o sujeito se reconhece não como centro, mas como parte de uma totalidade. Habitar é, portanto, um exercício de descentramento: cuidar de si para desarmar a razão instrumental; cuidar do outro para romper a indiferença moral; cuidar da Terra para reencontrar o sentido da medida. Somente por meio dessa conversão sensível do ser, ou seja, desse deslocamento do humano proprietário ao humano habitante, é que poderá emergir uma nova forma de civilização, capaz de integrar conhecimento, sensibilidade e responsabilidade em um mesmo horizonte de pertencimento.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. São Paulo: Alameda, 2020.
- BUENO, André. **A pequena escala: Sebald e as mediações da memória**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2017.
- COETZEE, John Maxwell. **Mecanismos internos**. Ensaios sobre literatura (2000-2005). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DICASTÉRIO PARA A CULTURA E EDUCAÇÃO. **Educação entre a crise e a esperança: diretrizes do Pacto Educativo Global**. Curitiba: PUCPRESS, 2023.
- EPICTETO. **Dissertationes por Arriano**. Madrid: Editorial Gredos, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia: uma ecologia para nosso tempo**. São Paulo: Sesc, 2021.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da Casa Comum**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2015.

SEBALD, Winfried Georg Maximilian. **Os anéis de Saturno**. Rio de Janeiro: Record, 2002.